

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Migrantes no Interior de São Paulo: redes sociais, trajetórias e pertencimentos**

Virgínia Ferreira da Silva\*

**Resumo:** A partir de pesquisa que teve como objeto redes de relações sociais de migrantes num bairro periférico de São Carlos, interior de São Paulo, o presente *paper* procura analisar alguns processos sociais que influenciam ativamente na composição das redes: a história e estrutura do bairro e a *trajetória social* dos migrantes. Pensar em grupos estruturados a partir de uma origem comum não foi suficiente para analisar as redes de relacionamento num contexto de migração intensa. Foi necessário incluir a análise de outros processos sociais para explicar o que aproximava migrantes no espaço social e os fazia integrar a mesma rede de relacionamentos.

**Palavras-chave:** migrantes, redes de relações sociais, bairro.

**Abstract:** From research that had as object nets of social relations of migrants in an outlying area of São Carlos, interior of São Paulo's State, this paper aims to analyze some social processes that had active influence in the composition of these nets: the neighborhood's history and structure of the neighborhood and the social trajectory of the migrants. Think about groups structuralized from a common origin was not enough to analyze the nets of relationship in a context of intense migration. It has been necessary to include the analysis of other social processes in order to explain the approach of migrants in social space and what made them be part of the same relationship net.

**Keywords:** migrants, nets of social relations, neighborhood

## Introdução

*“... a imigração é um ‘fato social completo’, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica. E, a este título, todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas (...) falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão dicrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (...), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento.” (SAYAD, 1998: 13-14).*

O autor (SAYAD, 1998) refere-se a migrações internacionais (especificamente trata de argelinos na França), porém, acredito que a assertiva acima é da mesma forma válida para pensarmos migrações internas do Brasil contemporâneo. Trata-se, igualmente, de deslocamentos de grupos sociais no espaço físico e social, o que suscita análises das mais diversas ciências. Nos estudos que abarcam o fenômeno migratório, é importante considerar a

estrutura das relações sociais fundamentais dos grupos migrantes, porém, sem incluir processos históricos diacrônicos e dinâmicos – que permeiam o caminhar dos migrantes, a construções dos espaços físicos e sociais ao longo de sua trajetória – a análise não pode se desenvolver.

O paper aqui apresentado pretende analisar aspectos do fenômeno migratório, especialmente aspectos envolvidos na constituição das redes de relacionamentos sociais dos migrantes. Pela natureza dinâmica da migração, incluir processos históricos na análise foi fundamental para compreensão. Não estava apenas diante de grupos sociais estruturados, cujas relações fundamentais tendem a permanecer na migração; mas também estava diante de uma série de processos sociais que influenciavam ativamente na composição das redes. Aqui pretendo traçar um pouco desse conjunto.

Escrevo a partir de pesquisa que teve como objeto as redes de relações sociais em que migrantes estão envolvidos (realizada no bairro Cidade Aracy, São Carlos, interior de São Paulo)<sup>1</sup>. Uma vez no bairro, não demorei a perceber que eu estava diante de diversas trajetórias que se estendiam no tempo e no espaço, eu estava diante de *grupos sociais migrantes*, pessoas que já empreenderam mais de uma mudança em sua vida e que provavelmente empreenderiam outras ainda.

Ilustrativos da realidade social com a qual me deparei no bairro Cidade Aracy foram os “paranaenses de Minas”, “paranaenses da Bahia”, “paulistas de Cuiabá”, categorias utilizadas pelos os próprios informantes quando eu perguntava mais detidamente sobre a origem deles ou de outros migrantes moradores do bairro. Com o andamento da investigação, percebi que procurar pensá-los a partir de uma “origem” seria impor um recorte que não era fundamental ali. Um dos migrantes com o qual eu conversava disse: “eu nem sei de onde eu vim!”. Ele passava meses na Bahia, meses no Paraná, meses em São Carlos. Não ficavam questionando a identificação baseada na “origem” da mesma forma que eu fazia. De fato eram paranaenses que tinham tudo de mineiro e que não eram mais mineiros.

Com tranquilidade André, um são-carlense morador do Aracy, me disse enquanto um homem conhecido como Paraná passava com seu trator na rua: “ele tem o jeito assim,

---

<sup>1</sup>\* Doutora em Antropologia. Título obtido junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ.

O presente paper apresenta análises presentes em minha Tese de doutoramento: *Migrações e Redes Sociais: trajetórias, pertencimentos e relações sociais de migrantes no interior de São Paulo*, sob orientação de Beatriz Herédia, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

meio paranaense, meio baiano...”. E um outro colega seu, migrante e morador do bairro, completa:

*Oliveira – Eu acho que o Brasil é um país que dá liberdade para você ir e vir, então eu conheço gente que já morou até em Rondônia e voltou para cá, voltou para o Paraná, então isso é relativo, que tem gente que é nascido em Minas e criado no Paraná. Tem gente que é nascido no Paraná e criado em Minas, às vezes é nascido em São Paulo e criado em Minas. Então isso aí...*

Pude compreender que a dinâmica da migração – no vai e vem de famílias – permite que a identificação quanto a uma origem possa ser negociada: a origem que enunciam inclui a possibilidade de trajetórias. A análise da identificação paranaense demonstrou que ela, no caso desses migrantes, fora construída ao longo do processo migratório em que estavam incluídas as famílias. Dessa forma, deve sempre ser pensada como algo em processo, e não como algo estático, dado por local de nascimento, ou local em que possuam grande parte de sua história familiar.

Mais importante que tentar pensá-los a partir de origens comuns, foi pensá-los justamente a partir de suas redes de relacionamentos, pois, como esboçado acima, não apenas a questão da origem era questionável, como também eu encontrava migrantes com as mais diversas trajetórias fazendo parte da mesma rede de relacionamentos. O conceito de “rede” torna-se essencial para pensar o processo migratório. Este conceito, segundo coloca Elizabeth Bott (1976) descreve um conjunto de relacionamentos sociais para os quais não há uma fronteira, ou um limite comum a todos que se relacionam:

*“cada pessoa está, por assim dizer, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato com cada uma das outras e algumas das quais não estão... Acho conveniente falar de um campo social deste tipo como uma ‘rede’ (network). A imagem que possuo é a de um conjunto de pontos, alguns dos quais ligados por linhas. Os pontos da imagem são as pessoas, ou às vezes os grupos, e as linhas indicam que as pessoas interagem com as outras” (BARNES, 1954: 43 apud BOTT, 1976: 107).*

Este conceito me ajudou a definir melhor o bairro, constituído por pessoas de origens distintas, histórias e trajetórias também distintas, residindo no local há tempo variado, mas que estavam inseridas, cada uma delas, num jogo de relações específico.

Mesmo que meu objeto de análise sejam as redes sociais, mesmo que eu considere “o meio social imediato das famílias urbanas não como o espaço local em que elas vivem, mas como as redes de relações sociais efetivas que mantêm, independentemente de estas se restringirem à área local ou ultrapassarem suas fronteiras” (BOTT, 1957: 97-9 apud ELIAS,

2000: 196), não devo desconsiderar o bairro ou a área residencial das famílias, que é provido de uma estrutura (ELIAS, 2000: 197).

Por isso, não é possível pensar os migrantes fora da estrutura do bairro em que vivem. O que é importante para as famílias e indivíduos contidos em redes, e o que é importante para a estruturação daquele local que ocupam, são fatores que só puderam ser pensados ao mesmo tempo (ELIAS, 2000). O fato de me manter atrelada à estrutura do bairro, tornou possível entender alguns pontos fundamentais que compõem a trajetória social dos migrantes que ali estão.

### **Situando as redes no bairro**

Estava em contato com duas redes de relacionamentos sociais distintas que eu queria analisar. Teria de entender seus limites e o que influenciava a configuração delas, traçando o conteúdo exato de cada uma. Não foi fácil encontrar conceitos apropriados para expressar o que de fato as fazia ser duas redes sociais distintas. Uma das redes eu conheci por meio de migrantes paranaenses e chamarei de *primeira rede*, outra conheci por meio de paraibanas e chamarei de *segunda rede*.

Ao me aproximar de seus relacionamentos notei que a própria organização familiar era diferente em cada um dos casos. Por meio do contato com a *primeira rede* cheguei a diferentes famílias, famílias que tinham ou não algum grau de parentesco entre si. As famílias eram menores, com poucos filhos e tendiam a ficar mais reservados em suas casas.

Uma vez em contato com a *segunda rede*, mantive-me a maior parte do tempo em apenas uma família. Não era conduzida a outras. Os relacionamentos sociais mais importantes aconteciam dentro da família: as visitas, os encontros, as conversas, os eventos como aniversários e casamentos, o culto religioso. As famílias nucleares eram constituídas por muitos membros; gostavam muito de ir uns na casa dos outros.

Tais redes separavam-se por espaços diferenciados do bairro, e entender o que fazia esses espaços serem diferenciados foi fundamental para compreender o que era importante ali, inclusive para a configuração das redes. As divisões por status entre seus espaços, feitas pelos próprios moradores, associavam-se às redes sociais ali existentes.

O Cidade Aracy a que me refiro é na verdade constituído oficialmente por três bairros, o Cidade Aracy, o Presidente Collor e o Antenor Garcia, tratando-se esse conjunto do “Grande Cidade Aracy”, conforme ouvi algumas vezes. O Cidade Aracy divide-se ainda em Aracy I e Aracy II, divisão essa que não é oficial, mas que todos conhecem.

O espaço que o Cidade Aracy ocupa hoje era uma fazenda que foi loteada no início da década de 80. Desses lotes, foram vendidos primeiramente aqueles que correspondem ao Aracy I, e depois os do Aracy II. Os primeiros moradores foram então para o *loteamento vendido*, quando o bairro existia em estado precário, conforme relatos. Eram poucas casas “no meio do mato” sem qualquer estrutura como luz, água, esgoto ou mesmo ruas.

Até que foi feito o primeiro *loteamento doado* pela imobiliária Faixa Azul, e o bairro passou a receber muita gente. A Primeira doação foi a do Presidente Collor, *continuidade* do Aracy I, e a segunda, feita no início da década de 90, foi a do Antenor Garcia, bairro *anexado* ao Aracy II<sup>2</sup>. Os lotes foram divididos em meios-lotes, doava-se um no intuito que a pessoa pudesse, futuramente, comprar o outro. A condição para que recebessem doado era, no prazo de um mês, construir ao menos o alicerce de um cômodo.

Especialmente na área em que me concentrei (Aracy I e Presidente Collor) reconhecia-se um “miolo” com casas melhores, com ruas mais estruturadas, asfaltadas, etc., onde eu encontrava a *primeira rede*. A *segunda rede* me guiava para uma parte visivelmente mais carente (sem asfalto, com casas menores, mais inacabadas, etc.). Dentro do bairro ouvi várias vezes “lá para baixo”, quando as pessoas se referiam à “pior” parte do bairro<sup>3</sup>, sendo que é importante notar: não se tratava de uma divisão mecânica entre Aracy I e Presidente Collor.

Sobre isso eu conversava com André, são-carlense morador do Presidente Collor, e ele me explica:

*André – Que se você for prestar atenção, desse lado aqui tem mais casa, é muito mais povoado que lá, então consequentemente mais gente que comprou (...) Porque assim, foi doado um e vendido um [doações do Presidente Collor], então como todos os terrenos estão ocupados, então alguém comprou. E lá já não estão todos vendidos, lá do lado de baixo (...) Quer dizer que poucas pessoas compraram. Os que estão lá são os que só receberam a doação praticamente.*

• *E isso faz ser diferente então... Faz lá ter gente mais pobre?*

*André – É, e aqui ser um pouquinho mais avançado.*

<sup>2</sup> Entre os bairros que compõem o “Grande Aracy”, o Antenor é o que mais se diferencia, geográfica e fisicamente, e também por concentrar pobreza, por ser um bairro realmente anexado. Optei por não concentrar minhas investigações nele, pois isso exigiria um aprofundamento particular. De todo modo, não o omiti de minha investigação, fui para lá, conheci moradores, fiz entrevistas, sempre que necessário. Concentrei-me especialmente no Aracy I e Presidente Collor, sem, porém, omitir demais espaços da análise.

<sup>3</sup> Elias (2000) já havia chamado atenção para a existência de diferenças na posição social entre os espaços do povoado que estuda, evidenciando que sempre é possível encontrar diferenças por status entre espaços que se situam dentro de um mesmo povoado, aldeia, vila, bairro, etc.

A diferenciação se dá entre a parte do bairro em que terrenos foram comprados e parte em as pessoas não compraram tanto, e as doações foram mantidas. A parte do Presidente Collor valorizada é a parte mais “cheia”, com mais casas construídas, pois significa que as pessoas puderam comprar o terreno ao lado do que foi doado, constituindo um lote inteiro. Os que compraram nem sempre são aqueles que receberam meio lote doado, pois estes muitas vezes venderam ou trocaram seu terreno.

Assim, o que faz com que nem todas as áreas do Presidente Collor sejam consideradas ruins foi a capacidade que os atuais moradores tiveram um dia para comprar seus terrenos. A *primeira rede* estava então nessa parte “mais cheia de casas”, seja Presidente Collor ou Aracy, e a *segunda rede* na parte mais “vazia”, nas ruas “lá para baixo”, estigmatizadas especialmente pelos que moram na “parte central” do bairro. O estigma, considerado algo que faz referência a um atributo profundamente depreciativo (GOFFMAN, 1988), recai atualmente apenas sobre a parte do bairro em que os terrenos foram doados e que não puderam ser comprados, espaço onde há mais lotes vazios e mais casas de meio lote.

Essa percepção conduziu a critérios de divisão importantes e válidos entre os moradores do bairro. Trata-se de um recorte importante apresentado pelos próprios moradores e que separava os migrantes do bairro entre os que “tinham no máximo uma casa para morar” e os que “tinham muito mais que uma casa”. O que estimulou os migrantes a morarem lá foi a possibilidade de adquirir um terreno e construir uma casa. De modo que não apenas comprar o terreno, mas também *ter a casa* era algo muito importante. Sempre descreviam sua trajetória em função disso, das casas que tiveram que alugar, do que puderam construir, sempre querendo mostrar a casa, o prédio que têm construído.

Assim, a trajetória dos migrantes deixa de ser pensada em termos das cidades e estados pelos quais passaram, e passa a ser pensada em termos de uma *trajetória social* definida em termos do *ter*. Trata-se de uma única trajetória social a ser percorrida, válida para todos os migrantes moradores do Aracy. Todos estavam nela situados. Diferencio, contudo, em função disso, aqueles que apresentam *trajetória reduzida* e aqueles que, nessa mesma trajetória, apresentam *trajetória extensa*.

Para os que apresentam trajetória reduzida o *construir*, categoria social importante, é sempre um *por vir*, um desejo, um sonho. Uma visão muito presente no bairro são as casas com seus tijolos à mostra, ilustrando o que venho dizendo. Trata-se de uma construção permanente. Porém não se trata apenas disso, apresentavam trajetória social associada à tentativa de saída de uma posição de miséria, descrita pelo sentimento de iminência da fome, valorizavam o *ter comida*. Ocorre que o *ter*, definidor da trajetória social

dos migrantes do Aracy, era uma categoria um tanto genérica que poderia abranger desde o *ter comida*, até o *ter muito mais que uma casa*.

Se havia esses migrantes com *trajetória reduzida*, valorizando o *ter comida*, o *ter a casa*, sendo que o *construir* era sempre um *por vir*, havia, por outro lado, aqueles migrantes que pareciam ocupar um outro extremo dessa mesma trajetória: os de *trajetória extensa*. Esses *tinham muito mais que uma casa* para morar e, se um dia conviveram com a iminência da fome, esse medo não é mais sentido. Como os demais migrantes, valorizavam o *ter*, valorizavam aquilo que tinham, gostavam de enumerar seus bens e imóveis, bem como sabiam enumerar os dos outros.

Assim, percebi que os migrantes da *primeira* e *segunda* rede correspondiam, respectivamente, aos migrantes de *trajetória extensa* e *trajetória reduzida*. Mas ainda não é em função disso que ambas as redes podem ser descritas. Por meio da análise de seus vínculos sociais concretos puderam ser definidas. Na rede cujos componentes apresentavam trajetória reduzida, percebi que em todas as mudanças pelas quais passaram, as relações familiares sempre estiveram imbricadas. Havia uma forte rede de solidariedade intra-familiar permeando todas as organizações e acontecimentos da vida individual. As relações sociais que permeavam e permitiam as mudanças geralmente estavam restritas à família.

Mesmo no bairro, era notável que seus relacionamentos concretos desenrolavam-se apenas em torno da família, com todos os que pudessem ser considerados parentes. Somente entre parentes aconteciam as visitas e estavam sempre na casa um do outro. Percebi que não apenas os membros dessa rede que matinham relacionamentos sociais concretos conheciam-se entre si, como esses conhecidos eram geralmente parentes. Por meio dessa percepção, chamei essa rede de *rede de malha estreita*, termo cunhado por Bott (1976). Os relacionamentos gerados em seu interior, na maioria, eram densamente amarrados por vínculos de parentesco. E os parentes tendiam a se conhecer entre si.

Se os migrantes de *trajetória reduzida* tendiam a compor a *rede de malha estreita*, migrantes que apresentam *trajetória extensa* tendiam a compor a *rede de malha frouxa*. Na rede assim definida, as relações sociais concretas não se restringiam a parentes, e os conhecidos de um, muitas vezes, não eram conhecidos de outro. Havia muitos limites para os relacionamentos gerados no interior dessa rede, que muitas vezes não tinham suas tramas fortemente amarradas. Isso não significa que nela não houvesse vínculos fortemente amarrados pelo parentesco, vínculos que perduram e se fortalecem ao longo do processo migratório. Ao descrever as redes pelos tipos de vínculos gerados em seu interior, não quero dizer que eles sejam hegemônicos, mas preponderantes.

Ocorre que um caminhar na trajetória abria a possibilidade de serem geradas novas aproximações e também afastamentos de alguns vínculos. Eram geradas possibilidades de aproximação com migrantes que apresentassem trajetória social parecida, e que compactuassem com o mesmo modo de ver a si e ao outro. Os de *trajetória reduzida*, que menos mudavam sua posição na trajetória, conseqüentemente menos mudavam a natureza e a possibilidade de seus relacionamentos sociais concretos, um menor número de vínculos eram rompidos e gerados. Nos que apresentam *trajetória extensa*, muitos relacionamentos são mantidos, mas muitos se dissolvem e outros são criados.

### **Conclusão**

O intuito foi analisar aspectos dinâmicos do fenômeno migratório e que são fundamentais para a composição das redes. O caminho não foi apenas identificar os grupos sociais a que migrantes pertencem e a partir disso analisar suas redes de relacionamento. Até mesmo identificar uma origem regional para esses migrantes não foi simples, ao longo do processo migratório migrantes deixavam de ser baianos ou mineiros e passavam a ser paranaenses em São Carlos. Ademais, a própria história de construção do bairro contribui para elaboração e percepção do que era importante ali, para seus moradores. A trajetória dos migrantes é muito mais traçada em função de um *ter*, sempre referido por eles. Dividiam-se entre os espaços diferenciados do bairro e entre os que *não tinham nada* e os que *tinham muito mais que uma casa*. Em função disso migrantes que compunham as redes se diferenciavam, e segundo o ponto ocupado nessa trajetória compunham uma ou outra rede de relacionamentos, definidas aqui brevemente em função de seus vínculos.

### **Bibliografia.**

BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.